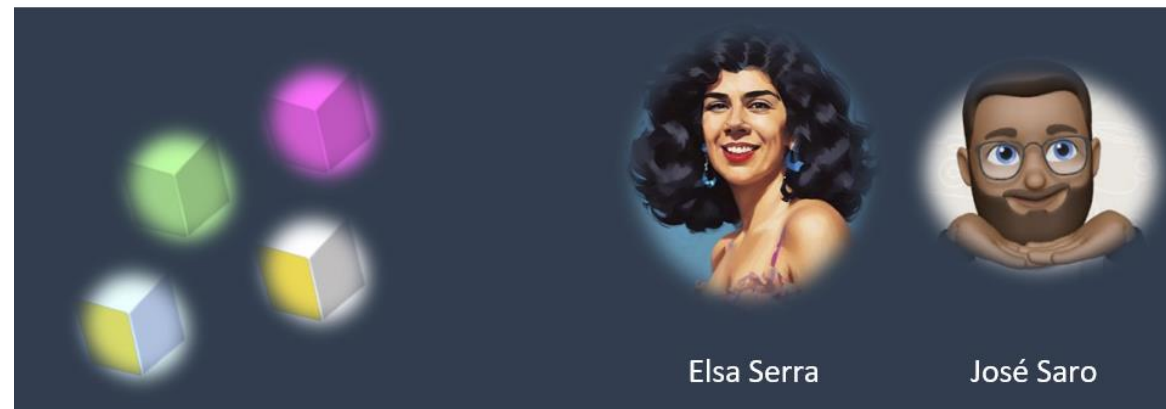




Sejam bem vindos.  
Elsa Serra e José Saro

## HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



**Dimensão científico pedagógica para os grupos  
200, 210, 220, 300,320, 330, 340 e 350**

e-learning: 25 horas

*«A EDUCAÇÃO PELA LEITURA É UM BOM EXEMPLO DE FORMAÇÃO  
INCLUSIVA ENQUANTO OBJETIVO EDUCATIVO QUE PROMOVE A EQUIDADE  
PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO DE TODOS.»*

1975 Luanda. A descolonização instiga ódios e guerras. Os brancos debandam e em poucos meses chegam a Portugal mais de meio milhão de pessoas. O processo revolucionário está no seu auge e os retornados são recebidos com desconfiança e hostilidade. Muitos não têm para onde ir nem do que viver. Rui tem quinze anos e é um deles. 1975. Lisboa. Durante mais de um ano, Rui e a família vivem num quarto de um hotel de 5 estrelas a abarrotar de retornados -- um improvável purgatório sem salvação garantida que se degrada de dia para dia. A adolescência torna-se uma espera assustada pela idade adulta: aprender o desespero e a raiva, reaprender o amor, inventar a esperança. África sempre presente mas cada vez mais longe...

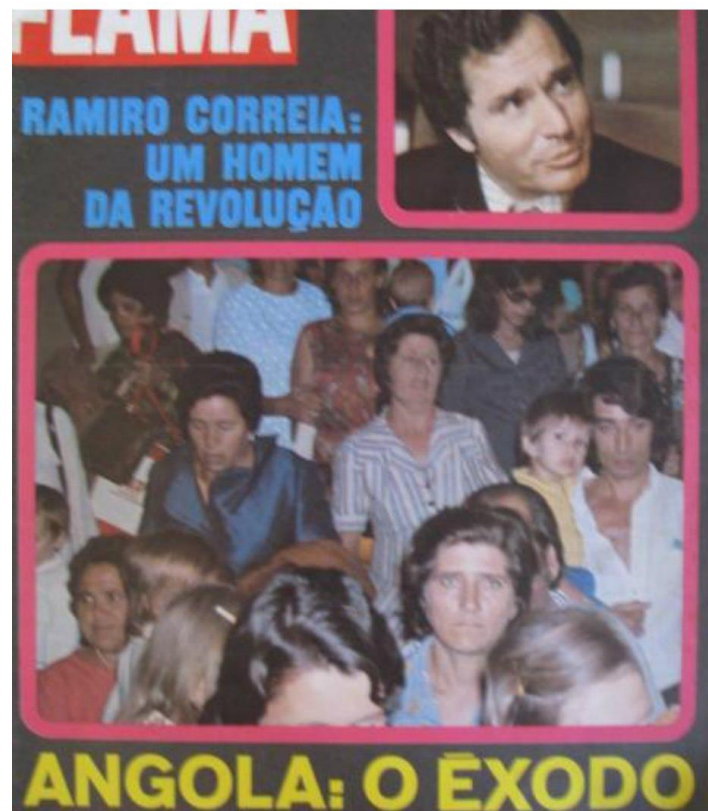


Dulce nasceu em **Trás-os-Montes, em 1964**, ainda bebé foi com a família **viver para Luanda**. As recordações da vida em África agitam o seu universo, sobretudo o regresso a Portugal. De maio a novembro de 1975, foram cerca de 300 mil pessoas que chegaram ao Aeroporto da Portela. Descobrimo assim a sua nova condição, ao chegar a Portugal, tornou-se "Retornada".

**M**as na metrópole há cerejas. Cerejas grandes e luzidias que as raparigas põem nas orelhas a fazer de brincos. Raparigas bonitas como só as da metrópole podem ser. As raparigas daqui não sabem como são as cerejas, dizem que são como as pitangas. Ainda que sejam, nunca as vi com brincos de pitangas a rirem-se umas com as outras como as raparigas da metrópole fazem nas fotografias.

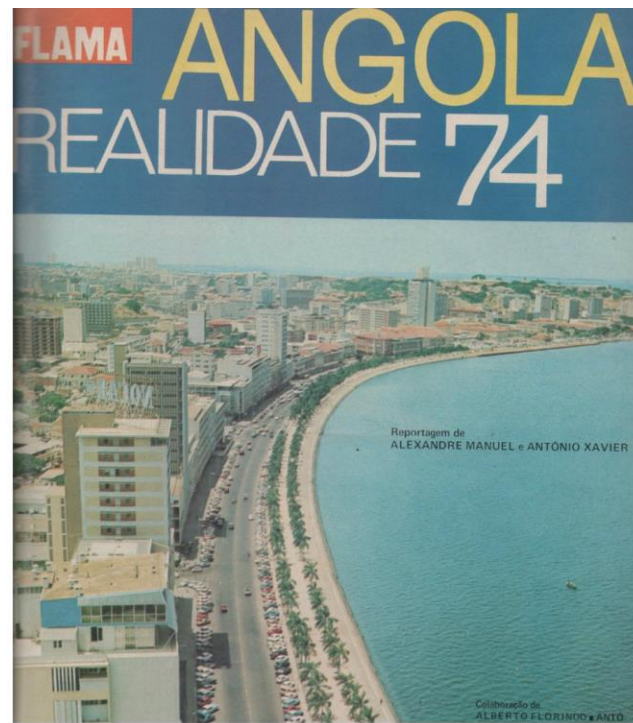
A mãe insiste para que o pai se sirva da carne assada. A comida vai estragar-se, diz, este calor dá cabo de tudo, umas horas e a carne começa a esverdear, se a ponho na geleira fica seca como uma sola. A mãe fala como se hoje à noite não fôssemos apanhar o avião para a metrópole, como se amanhã pudéssemos comer as sobras da carne assada dentro do pão, no intervalo grande do liceu. Deixa-me, mulher. Ao afastar a travessa o pai derruba a cesta do pão. A mãe endireita-a e ajeita as côdeas com o mesmo cuidado com que todas as manhãs ordena os comprimidos antes de os tomar. O pai não era assim antes de isto ter começado. Isto são os tiros que se ouvem no bairro acima do nosso. E as nossas quatro malas por fechar na sala.

Ficamos num silêncio tão cerimonioso que o barulho da ventoinha surge anormalmente alto. A mãe pega na travessa da carne e serve-se com os gestos contidos que costumava usar com as visitas. Quando pousa a travessa na mesa demora a mão sobre a toalha das dalias. Agora já não há ninguém para visitar-nos mas mesmo antes de isto ter começado era raro termos visitas. A minha irmã diz, ainda me lembro do dia em que aquele galo, o galo de louça que está na bancada de pedra mármore, caiu ao chão e lascou a crista. Insistimos em pormenores insignificantes porque já começámos a esquecer-nos. E ainda nem saímos de casa. O avião é um bocadinho antes da meia-noite mas temos de ir mais cedo. O tio Zé vai levar-nos ao aeroporto. O pai vai lá ter depois. Depois de matar a Pirata e de deitar fogo à casa e aos camiões. Não acredito que o pai mate a Pirata. Também não acredito que o pai deite fogo à casa e aos camiões. Acho que diz isso para não pensarmos que eles se ficam a rir. Eles são os pretos. No entanto, o pai comprou bidões de gasolina que estão guardados no anexo. Talvez seja mesmo verdade, talvez o pai consiga matar a Pirata e queimar tudo. A Pirata podia ficar com o tio Zé que não se vai embora porque quer ajudar os pretos a formar uma nação. O pai ri-se sempre que o tio Zé fala na grandiosa nação que se erguerá pela vontade de um povo oprimido durante cinco séculos. Mesmo que o tio Zé promettesse que tomava conta da Pirata não servia de nada, o pai acha que a única coisa que o tio Zé sabe fazer é desonrar a família. E é capaz de ter razão.



Apesar de ser o último dia que passamos aqui, nada parece assim tão diferente. Almoçamos sentados à mesa da cozinha, a comida da mãe continua a não ser saborosa, temos calor e a humidade do caçimbo faz-nos transpirar. A única diferença é que estamos mais calados. Dantes falávamos do trabalho do pai, da escola, dos vizinhos, do aspirador que a mãe cobiçava nas revistas, do ar condicionado que o pai tinha prometido, do Babylliss que havia de alisar os caracóis da minha irmã, de uma bicicleta nova para mim. O pai prometia tudo para o ano que vem e quase nunca cumpria. Sabíamos disso mas ficávamos felizes com as promessas do pai, acho que nos bastava a ideia de que o futuro seria melhor. Antes de os tiros terem começado o futuro seria sempre melhor. Agora já não é assim e por isso já não temos assuntos para falar. Nem planos. O pai já não vai trabalhar, já não há escola e os vizinhos já se foram todos embora. Não haverá ar condicionado, nem aspirador, nem Babylliss, nem bicicleta nova. Nem casa sequer. Estamos calados a maior parte do tempo. A nossa ida para a metrópole é um assunto ainda mais difícil do que a doença da mãe. Também nunca falamos da doença da mãe. Quando muito referimos o saco de medicamentos que está em cima da bancada da cozinha. Se um de nós está a preparar qualquer coisa perto, dizemos, cuidado com os medicamentos. Como acontece com os tiros. Se um de nós vai à janela, cuidado com os tiros. Mas calamo-nos de seguida. A doença da mãe e esta guerra que nos faz ir para a metrópole são assuntos parecidos pelo silêncio que causam.

O pai tosse ao acender mais um cigarro. Tem os dentes amarelos e a casa cheira a tabaco mesmo quando o pai não está. Sempre o vi a fumar AC. O Gegé, quando chegou das férias da metrópole, disse que lá não havia AC. Se for verdade, não sei como o pai vai fazer. Tenho a certeza que é a última das preocupações que o pai tem agora e nem sei para que me ponho a pensar nisso, por que perco tempo com coisas que não têm interesse algum quando tenho tantas coisas importantes em que devia pensar. Mas não consigo mandar naquilo em que penso. Talvez a minha cabeça não seja muito diferente da cabeça fraca da mãe que está sempre a perder-se nas conversas. De vez em quando a mãe pede ao pai para fumar menos mas o pai não a leva a sério, sabe que passado um tempo a mãe esquece-se do pedido como se esquece de quase tudo. As vizinhas zangavam-se com os esquecimentos da mãe, se a D. Glória não fosse como é tínhamos de levar-lhe a mal certas coisas. Mas a mãe é como é e as vizinhas não podiam levar-lhe a mal tudo o que queriam, ainda que não lhes faltasse vontade. Mas não eram só os esquecimentos. As vizinhas também achavam que a mãe não sabia tomar conta de mim e da minha irmã, se nos viam a brincar nos charcos da chuva ou a correr atrás do carro da TIFA, coitadas daquelas crianças que crescem sem eira nem beira. Os pretos corriam atrás do carro, abriam a boca para engolir a névoa que matava o paludismo, mas os brancos não, as vizinhas sabiam que aquele fumo fazia mal e proibiam os filhos como os proibiam de chapinhar na água da chuva por causa da filária. D. Glória, os pretos têm outra constituição e

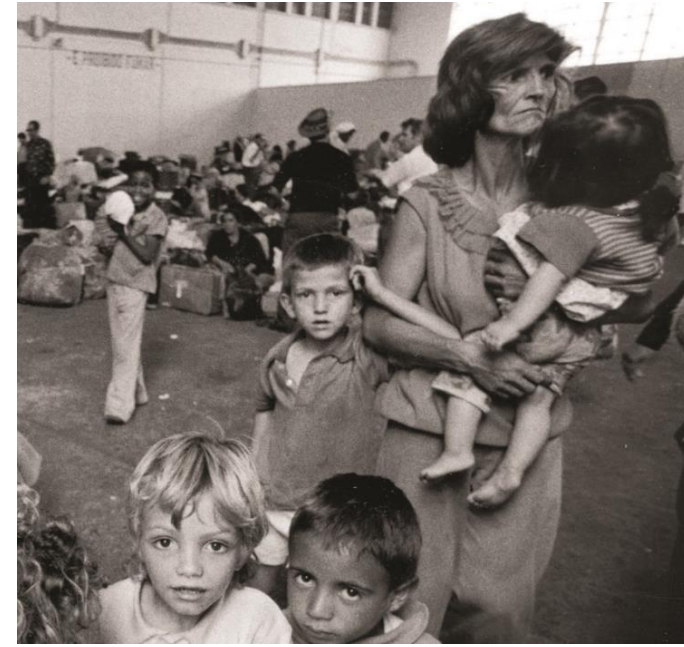


não há neste inferno nada que lhes faça mal, temos de ter cuidado com os nossos, avisavam as vizinhas.

A culpada de a mãe ser assim é esta terra. Sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também era diferente. O pai nunca fala da metrópole, a mãe tem duas terras mas o pai não. Um homem pertence ao sítio que lhe dá de comer a não ser que tenha um coração ingrato, era assim que o pai respondia quando lhe perguntavam se tinha saudades da metrópole. Um homem tem de seguir o trabalho como o carro segue os bois. E ter um coração agradecido. O pai só estudou até à segunda classe mas não há nada que não saiba sobre o livro da vida que, segundo o pai, é o que mais ensina. O Lee e o Gegé gozavam quando o pai se punha a falar do livro da vida e eu tinha de fazer um esforço para não ter vergonha. Deve estar no sangue dos pais fazerem e dizerem coisas que envergonham os filhos. Ou no sangue dos filhos sentirem vergonha dos pais.

Já se foram todos embora. Os meus amigos, os vizinhos, os professores, os donos das lojas, o mecânico, o barbeiro, o padre, todos. Nós também já não devíamos cá estar. A minha irmã acusa o pai de não se importar com o que nos possa acontecer e por vontade da mãe teríamos ido embora há muito tempo, ainda antes do Sr. Manuel. Não acredito que o pai não se importe connosco apesar de não perceber por que ainda não nos fomos embora quando pode acontecer-nos uma coisa má a qualquer momento. Os soldados portugueses já quase não passam por aqui e os poucos que vemos têm os cabelos compridos e as fardas

A mãe verteu o arroz-doce para as taças de vidro cor-de-rosa e quis escrever as iniciais dos nossos nomes a canela mas a mão tremia-lhe. Culpou os comprimidos e tentou outra vez, a canela entre o polegar e o indicador às voltas com as nossas iniciais mal feitas e nem nisso houve diferença, as nossas iniciais também nunca ficavam bem desenhadas nas manhãs de domingos em que vínhamos da praia e tomávamos banho de mangueira ao pé do tanque. A Pirata a patinhar na água que ia escorrendo para os canteiros, as toalhas da praia penduradas no sape-sape, a mãe a gritar da cozinha, cuidado com os meus canteiros, olhem que o sal mata as rosas. A mãe não gosta de sol nem de sal. Gosta de rosas. Os canteiros da mãe têm rosas de todas as cores que a mãe nunca corta, conseguia lá cortar uma rosa, as vizinhas não ligavam ao que a mãe dizia mas abanavam a cabeça, a D. Glória tem cada mania, que mal há em cortar flores, ficam tão bonitas numa jarra. Que o sal não mate as rosas, pedia a mãe, mas por mais que lavássemos tudo o melhor que podíamos havia sempre pontinhos pequeninos a brilhar nos canteiros. O sal acabava sempre por matar algumas rosas.



**‘Mankind  
is no  
Island.’**

<https://www.youtube.com/watch?v=ZrDxe9gK8Gk&list=LL&index=314>